

E O PRÊMIO VAI PARA... UM OLHAR SOBRE A CATEGORIA CRIANÇA E O LIVRO ILUSTRADO NA PREMIAÇÃO DA FNLIJ

AND THE WINNER IS... A LOOK AT THE CHILD CATEGORY AND THE PICTUREBOOK AT THE FNLIJ AWARDS

Anália Adriana Ferreira  0000-0002-0017-8269
Universidade Federal de Campina Grande - Instituto Federal da Paraíba
analiadriana@gmail.com

 <http://dx.doi.org/10.35572/rle.v2i1.2106>

Recebido em 01 de março de 2021

Aceito em 03 de junho de 2021

Resumo: Este artigo busca apresentar a premiação da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, FNLIJ, que ocorre desde 1975 no Brasil, observando a categoria Criança nas primeiras quatro décadas de premiação. Consegue olhar o panorama do livro infantil a partir deste recorte e oferece uma leitura com foco no design e no projeto do livro, destacando escolhas e soluções gráficas de obras premiadas. Fez-se a escolha pelo livro ilustrado para melhor observar a relação das narrativas verbo-pictórica e apontar inovações de estrutura físicas e de linguagem visual presentes. A partir do *corpus* indicado, é possível acompanhar a trajetória e desenvolvimento do mercado literário infantil, principais enredos, mudanças na apresentação de uma história e a evolução da comunicação visual para o leitor iniciante.

Abstract: This article seeks to present the award from the National Foundation for Children and Youth Books, FNLIJ, which takes place since 1975 in Brazil, observing the category Child in the first four decades of the award. It manages to look at the children's book panorama from this point of view and offers a reading focused on the book's design and project, highlighting choices and graphic solutions of award winning works. The choice was made for the illustrated book to better observe the relationship between verb-pictorial narratives and to point out physical structure and visual language innovations present. From the corpus indicated, it is possible to follow the trajectory and development of the children's literary market, main plots, changes in the presentation of a story and the evolution of visual communication for the beginner reader.

Palavras-chave: Livro ilustrado, FNLIJ, Ilustração, Design.

Keywords: Picturebook, FNLIJ, Illustration, Design.

1 Introdução

Observando o mercado editorial no país, é importante destacar a década de 60 como ponto determinante de mudanças e inovações para a cena gráfica do livro. Justifica-se esse momento em decorrência ao crescimento da população universitária, iniciado na década de 50 e crescente nos anos seguintes, aumentando o número de leitores e potencial público consumidor. De acordo com Melo (2008, p.61), “a cena gráfica do livro, que se havia mantido pouco alterada durante décadas, precisa agora dar resposta a esse novo leitor”. Em virtude deste cenário, um movimento em cascata passa a acontecer, diante de um público leitor de perfil crítico e jovem, a indústria logo sinaliza como momento promissor e passa a investir em autores, projetos gráficos e experimentos literários.

Não por acaso, as mudanças mais expressivas da literatura infantil brasileira acontecem entre as décadas de 1960 e 1970, movimentado por um contexto cultural de industrialização, de urbanização da sociedade brasileira e alavancadas pelo aumento de novos autores e suas obras. Neste cenário de desenvolvimento é importante destacar o crescimento e valorização da poesia, embora já estivesse presente na escola desde o início do século, é a partir dos anos 60 e 70 que o gênero “descobre a palavra como um jogo, uma brincadeira com fala, com a pura sonoridade (ritmo, cadência, onomatopeias, aliterações, refrões, paralelismos, trava-línguas, etc.)” (COELHO, 2014, p. 243), conquistando definitivamente o pequeno leitor.

Ainda de acordo com a autora, acredita-se que os escritores desse movimento sejam os grandes responsáveis pelo início do *boom* da literatura infantil. Dentre eles, destacam-se aqueles que romperam com o vínculo pedagógico até então presente nas obras poéticas infantis, como Sidónio Muralha com *A televisão da bicharada* (1962), ilustrações de Fernando Lemos; Cecília Meireles e seu exemplar *Ou Isto ou Aquilo* (1964), ilustrações de Maria Bonomi; e ainda Vinícius de Moraes com *Arca de Noé* (1970), ilustrações de Nelson Cruz.

Acompanhando as mudanças em torno do livro e da literatura infantil, em 1968 é criada no Brasil a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, FNLIJ, seção brasileira do *International Board on Books for Young People*, IBBY. Existente em 76 países, trata-se de uma organização sem fins lucrativos que representa uma rede internacional de pessoas de todo o mundo, cuja missão é dar a crianças de todos os lugares a oportunidade de ter acesso a livros com altos padrões literários e artísticos, além de incentivar a publicação e distribuição de livros infantis de qualidade, especialmente nos países em desenvolvimento.

A fundação surge com os seguintes objetivos: incrementar a produção do livro infantil e juvenil no Brasil; promover estudos e pesquisas sobre todos os aspectos deste livro específico; incentivar autor e ilustrador; estimular a ampliação da rede de bibliotecas e divulgar e promover o livro infantil e juvenil (SERRA; ZINCONI, 2008).

Apenas em 1975 inicia-se a premiação FNLIJ - O melhor para criança, contando exclusivamente com essa categoria (Criança). O prêmio consiste na indicação de melhor livro do ano para criança, um selo de ouro, que o editor comprava e colava na capa, e um diploma para o autor e ilustrador. À medida em que o cenário de livros infantis se modificava, surgia a necessidade de ampliação de novas categorias para assim contemplar as produções com mais representatividade, revelando o caráter de contemporaneidade e renovação da fundação. Atualmente, a premiação é formada por 18 categorias: Criança, Jovem, Imagem, Informativo, Poesia, Livro Brinquedo, Teatro, Teórico, Reconto, Literatura em Língua Portuguesa, Tradução/ Adaptação Criança,

Tradução/Adaptação Informativo, Tradução/Adaptação Jovem, Tradução/Adaptação Reconto, Escritor(a) Revelação, Ilustrador(a) Revelação, Melhor Ilustração e Melhor Projeto Editorial.

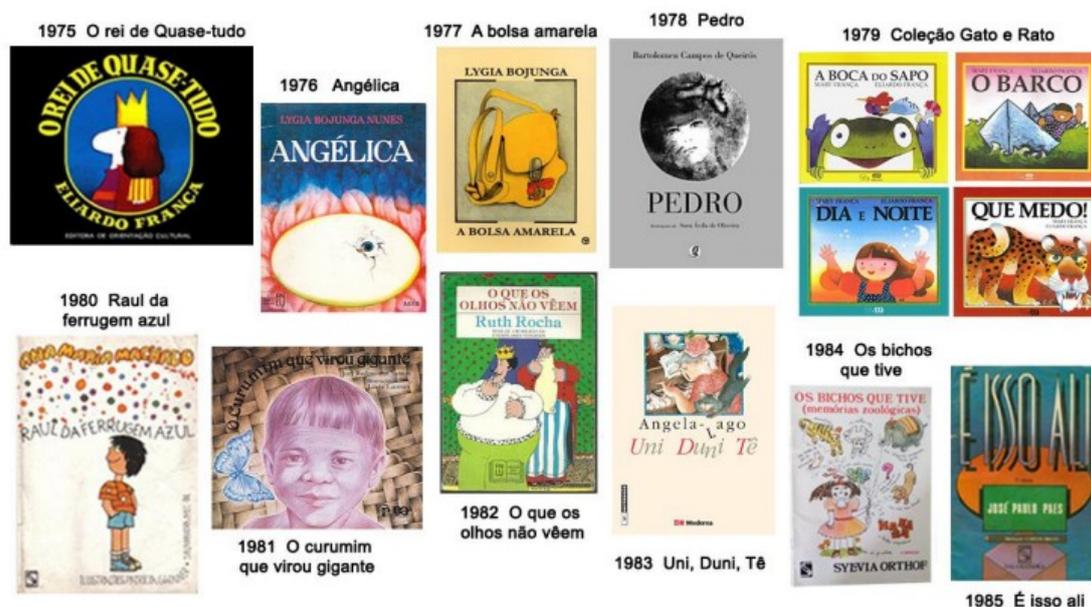
Neste artigo, serão revelados todos os títulos vencedores da categoria Criança, compreendidos entre 1975 e 2015, com destaque para o livro ilustrado ao decorrer desses 40 anos de premiação. Sobre o livro ilustrado, serão levantados os aspectos de design e da comunicação visual das obras premiadas, compreendendo ilustração, escolhas tipográficas e organização visual.

2 Os premiados da categoria Criança da FNLIJ

Para melhor visualização e observação, as obras serão apresentadas em quatro grupos, divididos a cada dez anos, com quadro ilustrativo contendo imagem da capa, título e data da premiação, acompanhado de breve comentário sobre o recorte, a premiação e as mudanças ocorridas em cada fase. Como anteriormente mencionado, de acordo com a evolução do mercado literário e, sobretudo, com intuito de fomentar livros de qualidade no país, a FNLIJ adiciona novas categorias ao longo desses 40 anos à medida em que as produções vão se estabelecendo, estas serão também comentadas.

Nos primeiros anos selecionados, 1975 a 1985, a FNLIJ premiou 11 títulos, Fig. 1, sendo um deles a coleção Gato e Rato (1979) composta por 35 livros.

Figura 1 – Premiados entre 1975 – 1985



Fonte: Reprodução Ferreira (2017).

Nesta primeira década de premiação, os temas mais recorrentes envolvem questões políticas ou de crescimento pessoal, um reflexo do momento político-social em que o país se encontrava. Podemos destacar obras com temática explicitamente política, caso de *O rei de Quase-tudo* de Eliardo França e *O que os olhos não vêem* de Ruth Rocha, ou que refletiam o comportamento social decorrente do regime militar, encontrados em *Raul da ferrugem azul*, Ana Maria Machado e *Uni, duni, tê*, Angela Lago.

É importante registrar a chegada de duas novas categorias: Jovem (1979) e Imagem (1982). A primeira acontece após Lygia Bojunga vencer a escolha de o melhor livro para Criança por dois anos consecutivos com *Angélica* (1976) e *A bolsa amarela* (1977), duas obras destinadas a um leitor fluente. A autora vence a nova categoria Jovem com *A casa da madrinha* (1978), já a categoria Imagem elege *Ida e volta* (1975) de Juarez Machado. A escolha desta obra é uma homenagem, sete anos após seu lançamento, para aquele que abre caminho para as obras de leitura sem palavras no Brasil, como vinha destacado no selo de sua premiação “Livro sem texto”, hoje conhecido por livro imagem.

Com a criação da categoria jovem em 1979, o vencedor da categoria criança neste ano é a coleção Gato e Rato, escrita por Mary França e ilustrada por Eliardo França. Os livros apresentam projeto com tratamento especial, em formato retangular, 19 x 22cm, papel couchê e ilustrações coloridas com impressão em alto padrão de qualidade. A coleção é destinada a um público iniciante, tem caráter pedagógico com pequenas histórias lúdicas, envolvendo bichos e crianças, trazendo noções de tamanho (grande/pequeno), de espaço (longe/perto), e brincadeiras com as palavras. Mas, um dos grandes méritos da coleção está na maneira como é trabalhada a ilustração, bastante colorida, com grande dimensão espacial e papel importante na apresentação da história, a coleção tem imagens com alto poder narrativo, podendo ser classificada como livro-imagem, pois:

(...) embora apareçam legendas curtas, escritas por Mary França, estas seriam totalmente dispensáveis, tal o impacto visual que as ilustrações provocam... Os desenhos vivos, as situações de conflito, de impasse, expressas num movimento agitado, bonito, compactado, as cores fortes e tão bem distribuídas, contam dum (sic) modo único suas histórias de bichos e desavenças, de mares e ventos, sempre indo-vindo, vindo-indo... e se resolvendo! (ABRAMOVICH, 2006, p.31)

É importante observar o destaque à imagem nas obras selecionadas. Os livros ainda voltados para o público juvenil, não a utilizam com intuito narrativo, como pode ser visto em *Pedro* (1978) e nos exemplares de Lygia Bojunga. No entanto, é possível perceber um cuidado gráfico, estético e narrativo nos livros de Eliardo França, tanto a *Coleção Gato e Rato* quanto *O Rei de Quase-Tudo*, bem como em *O que os olhos não vêem*, de Ruth Rocha e ilustração de José Carlos de Brito.

Como mostrado anteriormente, o cenário gráfico editorial começa a impulsionar e promover obras e autores com projetos literários infantis, a FNLIJ corrobora com esse panorama:

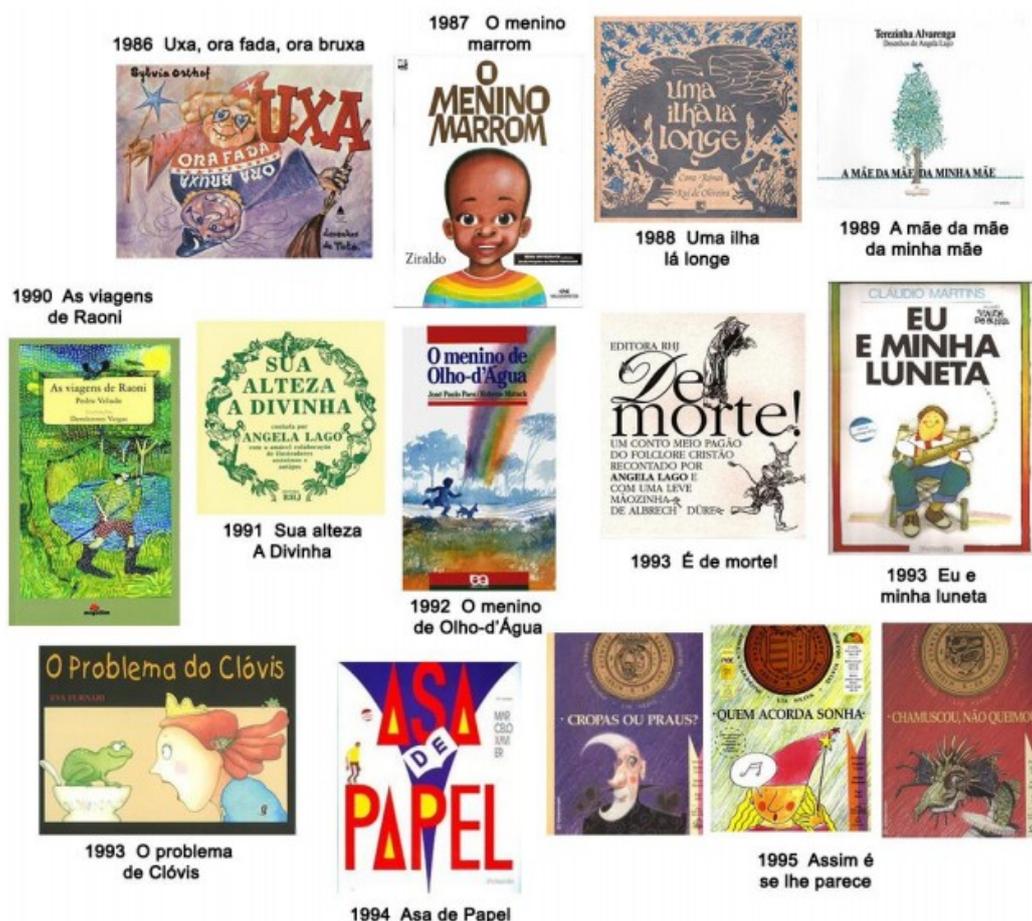
Em 1975, a oferta de títulos nacionais em 1ª edição era de 42 obras; em 1978 chegou a 107, havendo uma sensível queda no ano seguinte. A partir de 1980, recupera-se o aumento da produção. Em termos de qualidade, ocorreu também uma melhoria significativa, a partir de 1980. Verificou-se, nesse ano, que 24% da produção já se enquadrava nos critérios de qualidade editorial e literária requeridos pela FNLIJ. No período seguinte, o percentual cresceu para 34,9, o que atesta o alto nível de nossos escritores e ilustradores, que tem merecido atenção até do exterior, com tradução de várias obras e concessão de prêmios (ZINCONE E SERRA, 2008, p.87-88)

O segundo grupo contempla os premiados de 1986 a 1995, laureando 12 vencedores sendo um deles a coleção *Assim é se lhe parece* em 1995, composta por 6 livros. Com uma ampla variedade de temas, chama a atenção obras do imaginário clássico infantil com bruxas e princesas em enredos atualizados e a diversidade nas

ilustrações. O recorte aponta multiplicidade quanto as apresentação de imagens e ilustrações, contemplando obras com fotografias de bonecos de massa, encontradas em *Asa de Papel* (1993), desenhos com lápis de cor, vistos em *Eu e minha luneta* (1992) e a coleção *Assim é se lhe parece* (1994), ilustrações chapadas em preto sobre fundo branco apresentadas em *Uma ilha lá longe* (1987).

É importante observar que a partir de 1993 cada categoria passa a premiar com a distinção *Hors Concours*, quando o mais votado na categoria já ganhou pelo menos três vezes da FNLIJ como escritor ou ilustrador, por esse motivo, encontramos mais de um vencedor neste ano, Fig. 2. A categoria confere essa distinção para Angela Lago (*De morte!*) e Eva Furnari (*O problema de Clóvis*).

Figura 2 – Premiados entre 1986-1995



Fonte: Reprodução Ferreira (2017)

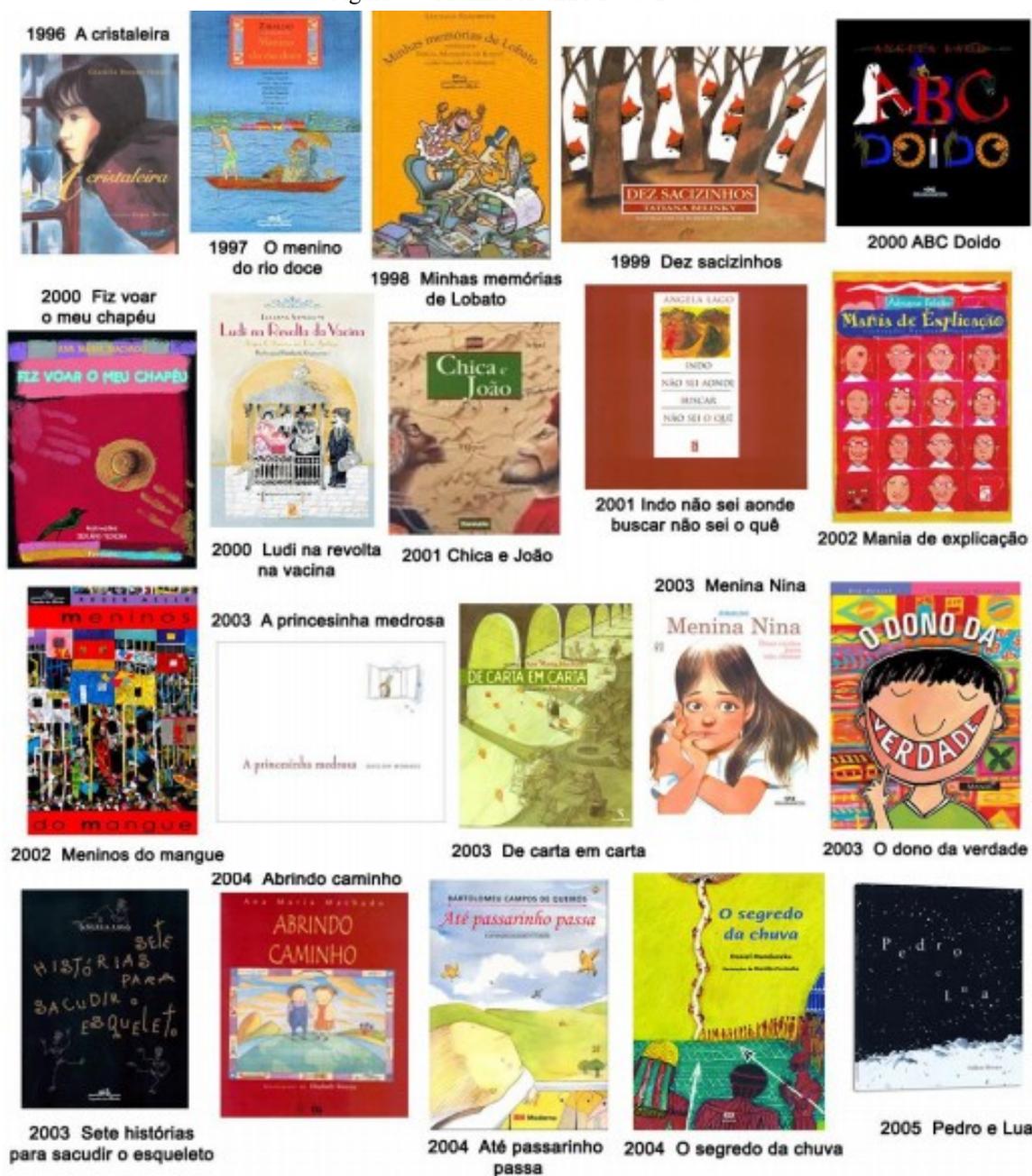
O livro *Eu e minha luneta*, texto e ilustração de Cláudio Martins, pode ser apontado como o primeiro livro ilustrado a aparecer na categoria. Ressaltando o livro ilustrado como aquele em que a narrativa visual assume grande importância, de tal maneira, “a leitura se elabora por idas e vindas entre mensagem e texto” (LINDEN, 2011, p.24). A história no livro ilustrado pertence a uma embricada relação narrativa de palavra e imagem, não sendo possível ser compreendida debruçando-se apenas sobre uma delas.

Martins oferece neste livro exatamente esta prática, voltado para um leitor iniciante, conduz a narrativa verbal convidando-o a percorrer toda a ilustração, e assim conhecer e acompanhar diferentes histórias apresentadas apenas visualmente.

Nesse período registra-se o surgimento de nove categorias: Tradução Jovem (1989); Tradução Criança (1990); Tradução Informativo (1991); Escritor(a) Revelação, Poesia (1993); Ilustrador Revelação e Projeto Editorial (1994); Melhor Ilustração e Tradução Informativo (1995). Essa necessidade de expandir categorias beneficia não apenas a premiação, mas reconhece o crescimento do mercado, fomentando novos investimentos.

Na terceira década de premiação, compreendida entre 1996 a 2005, foram apresentados 20 títulos premiados, Fig. 3.

Figura 3 – Premiados entre 1996-2005



Fonte: Reprodução Ferreira (2017)

A fundação registrou seis novas categorias: Livro Brinquedo, Prêmio Especial e Teatro (1998), Informativo Especial Brasil 500 anos (de caráter comemorativo) e

Teórico (2000) e Reconto (2001). Em meio as festividades de comemoração dos 500 anos de descobrimento do Brasil, algumas obras premiadas apresentam enredo histórico, como *Ludi na revolta da vacina – Uma odisseia no Rio antigo* (2000), de Sandroni, Luciana e ilustração de Humberto Guimarães, e *Chica e João* (2001), de Nelson Cruz. Outro registro memorialista traz Monteiro Lobato como homenageado em *Minhas memórias de Lobato* (1997), de Luciana Sandroni e ilustrações de Laerte.

Observa-se ainda, o maior número de experiências com a ilustração, como os bordados que conduzem *O menino do rio doce* (1996), de Ziraldo, as colagens de papel encontradas em *Meninos do Mangue* (2001), de Roger Mello.

A década final desta análise, período compreendido entre 2006 a 2015, contempla 16 livros vencedores e apenas uma nova categoria entra na premiação: Escritor(a) Revelação (2012), Fig.4.

Figura 4 – Premiados entre 2006 - 2015



Fonte: Reprodução Ferreira (2017).

Neste recorte constata-se a continuidade na valorização de projetos e propostas de comunicação diferenciados, com ênfase nas experimentações visuais, exibindo importantes inovações de concepções gráficas, como por exemplo *O alvo* (2011), de Ilan Brenman e Renato Moriconi, que traz um livro com todas as páginas vazadas,

desde a capa com grande círculo e todas as páginas internas atravessadas por um círculo menor, também vazado, no meio da folha, em uma alusão ao centro de um alvo.

Outro exemplo de projeto gráfico diferente é *João por um fio* (2005), de Roger Mello, com páginas vermelhas, utiliza as cores branco e preto na impressão e traz um marcador de página saindo da lombada composto por barbante branco com peixe na ponta em perfeita continuidade visual com a arte da capa, cuja ilustração de personagem agarrado em um fio remete a cena de uma pescaria no estilo “cabo de guerra”. O peixe solto do marcador é o mesmo visto dentro do livro.

3 O livro ilustrado na categoria criança

Após análises e leituras, dez títulos atendem a classificação de livro ilustrado, como vistos na Fig. 5.

Figura 5 - Livros ilustrados encontrados na categoria Criança



Fonte: Reprodução Ferreira (2017)

Os livros em questão são: *Eu e minha luneta* (1992) texto e ilustração de Cláudio Martins, *Dez sacizinhos* (1998) texto de Tatiana Belinky e ilustrações de Roberto

Weigand, *Abrindo caminho* (2003) texto de Ana Maria Machado e ilustrações de Elisabeth Teixeira, *Pedro e Lua* (2004) texto e ilustrações de Odilon Moraes, *João por um fio* (2005) texto e ilustrações de Roger Mello, *O menino, o cachorro* (2006) texto Simone Bibian e ilustrações de Mariana Massarani, *O guarda-chuva do vovô* (2008) texto de Carolina Moreyra e ilustrações de Odilon Moraes, *O alvo* (2011) texto Ilan Brenman, ilustrações Renato Moriconi, *Sete patinhos na lagoa* (2013) texto de Caio Riter, ilustrações de Laurent Cardon, *Orie* (2014) texto e ilustrações de Lúcia Hiratsuka.

Quando falamos de livro ilustrado, a FNLIJ se coloca como bom registro dessa mudança no comportamento de linguagem visual do livro infantil, quando vemos na última década crescente aparição deste tipo em sua premiação.

4 Metodologia

A primeira etapa da metodologia consiste em selecionar os livros ilustrados a serem avaliados. Depois de triagem, buscou-se uma abordagem descritiva e análise de aspectos do livro como produto de design, com o intuito de identificar inovações e soluções visuais de um livro premiado para o leitor infantil, destacando elementos mais recorrentes do projeto gráfico que contemplam sua estrutura e ilustração, a saber: organização espacial palavra-imagem, escolha tipográfica, uso de cores. Odilon Moraes, autor e ilustrador de diversos títulos infantis, aponta que o projeto gráfico de um livro é a intenção de leitura proposta a partir da junção de texto e imagem, “muitas vezes a qualidade do projeto está em assegurar uma leitura limpa e simples de uma narrativa”. (MORAES, 2008, p.55).

4.1 Cor

Nos livros infantis mais antigos era possível observar o uso da cor mais presente na capa, e poucas ilustrações coloridas no interior, por questões de barateamento de custo ou por priorizar o texto verbal como narrativa dominante na obra, no entanto, os livros ilustrados trabalham em posição contrária dessa visão. Por ter a ilustração como função narrativa e diagramação composta em página dupla, a cor aparece como elemento muito presente. Costa (2010, p.127) em pesquisa sobre cultura visual afirma que a cor tornou-se um elemento quase inerente à ilustração no livro infantil, e seu uso está associado culturalmente ao universo da criança. Revela em seus resultados de estudos que “a ilustração ainda é um objeto culturalmente associado ao uso de diversas cores combinadas”. (COSTA, 2010, p.128). Conclui-se portanto, que o livro para criança é um espaço em que se espera encontrar aplicação de muitas cores, visto a associação deste elemento à ilustração e ao universo infantil.

4.2 Tipografia e organização espacial

Cuidados com a tipografia, espaçamentos e tamanho de linha são alguns aspectos importantes para observar em um projeto para criança com a finalidade de promover conforto visual. A escolha tipográfica merece destaque, ela pode amenizar possíveis dificuldades na leitura, inerentes a idade do público alvo e precisa ser observada como princípio para uma boa comunicação. Lupton (2020, p.87), afirma que “uma das funções mais humanas do design é, na verdade, ajudar os leitores a *evitar* a

leitura”, indicando assim, que a tipografia não deve ser um elemento que atrapalhe a compreensão e legibilidade da palavra. Para falar de livro ilustrado é preciso mencionar a relação imagem e texto. Especialmente sobre a maneira como dividem o espaço físico na obra e as relações que surgem dessa interação. Nodelman (1988, apud NECYK, 2007, p.106) observa que a localização do texto e das imagens influencia diretamente na leitura da página, e do livro como um todo. Esta condução e organização precisa ser bem estruturada em um projeto gráfico para o público infantil.

5 Análise de resultados

Alguns pontos podem ser observados com este recorte exclusivo de livros ilustrados, uma delas é a recorrência nos enredos, como as relações de amizade entre criança e bicho vistos em *Pedro e lua* e *O menino, o cachorro*; abordagens sobre perda e morte em *O guarda-chuva do vovô* e *Pedro e Lua*. Enredos moralizantes ou de caráter pedagógico foram trazidos em *Dez sacizinhos*, *Abrindo caminho* e *Sete patinhos na lagoa*, todos, com clara intenção de acolher um público mais iniciante.

Narrativas sob a ótica da criança aparecem em *Eu e minha luneta* e *O guarda-chuva do vovô* e obra em que o narrador/autor(a) interage com o leitor são observadas em *Eu e minha luneta*, *Abrindo caminho* e *João por um fio*. Ainda histórias com intertextualidade foram percebidas em *João por um fio*, *Abrindo caminho* e *Orie*. A criança como personagem central é representada em quase todas as obras, apenas *Dez sacizinhos* e *Sete patinhos na lagoa* não o fazem.

Quanto à relação palavra-imagem, observa-se a força das combinações entre as narrativas. O texto predominantemente aparece em poucas linhas, a ilustração de paginação dupla é encontrada em praticamente todas as obras do início ao fim, apenas *Dez sacizinhos*, Fig.6, e *O menino, o cachorro* não utilizam em todas as cenas.

Figura 6 – Dez sacizinhos



Fonte: Belinky (1997)

O texto em quantidade pequena permite que a ilustração traga detalhes e força, contribuindo para que esta seja a narrativa de maior expressão, mas isso não faz do texto dispensável ou menor. As mudanças na forma de contar a história trazem também ao

texto grande importância. Ainda é dele a responsabilidade do enredo, de apresentar a temática e os personagens, sendo então necessário precisão e clareza por sua parte.

Quanto ao uso de cores nos livros analisados, a premissa de encontrar cores brilhantes e intensas não foi mantida em todos eles, observa-se que metade dos livros apresentam projetos com uso das cores de forma bem particular, como *Orie*, *João por um fio*, *Pedro e lua*, *O guarda-chuva do vovô* e *O alvo*. A cor em *Sete patinhos na lagoa* demarca bem seus personagens, empregando-lhe caráter de identidade. *João por um fio* traz composição com apenas três matizes: vermelho, preto e branco, *O Guarda chuva do vovô* escolheu uma paleta em tons pastéis e aproveitou o vermelho como elemento narrativo, contrastante em um personagem de característica feliz, comunicando seu comportamento de alegria em meio a um enredo pesado; *Orie* trabalhou com carvão e giz pastel sobre papel kraft, conseguindo desenhos delicados em poucos tons e sem brilho.

Em *Pedro e Lua* (2004) ou a composição de imagens utiliza tons de preto, cinza e branco, esta obra específica ousa com um projeto de concepção gráfica, desde a apresentação da capa e contracapa com aplicação de verniz especial luminescente, que brilha no escuro, destacando estrelas e lua, até a utilização do esboço todo em lápis grafite como arte final, ver Fig.7.

Figura 7 – Pedro e lua



Fonte: Moraes (2004)

Outra obra que também utiliza verniz localizado na capa, dessa vez brilhoso, é o livro *Dez sacizinhos* (1998), para destacar os personagens e título, proporcionando uma pequena experiência sensorial.

As obras levantadas podem ser caracterizadas pela grande diversidade de técnicas e recursos visuais, cortes especiais, uso pensado das cores, ou da ausência delas, mas, principalmente, o cuidado estético e novas propostas de apresentar uma história. Como proposta diferente, destaca-se *O menino, o cachorro*, Fig. 7.

Figura 8 – O menino, o cachorro



Fonte: Bibian (2006)

A concepção gráfica desta obra proporciona uma história que é contada sob a ótica do menino e do cachorro. Acompanha-se neste enredo o desejo de ambos os personagens em encontrar um companheiro. O texto central do livro, em movimento circular, contribui para a leitura em ambos os sentidos, sendo esta composição perfeita para a situação. É o fim e o início do ciclo, mas sobretudo, o encontro. O posicionamento do texto indica circulação, troca e união. Ao virar a página o texto e as ilustrações estão de cabeça para baixo, o livro precisa ser virado inteiro, a contracapa transforma-se em capa para apresentar um dos lados dessa história, do menino e do cachorro, que sempre se encontram no meio do livro. Este movimento de virar o livro simbolicamente remete a mudança que tanto querem os personagens, também simboliza a alteração de ótica, se o leitor começou com a leitura do menino, encontrará em seguida a narrativa do cachorro.

Com relação as escolhas tipográficas, em *João por um fio* a composição remete a um tipo caligráfico. Esse estilo é escolhido para entrar em conformidade com a identidade mais artesanal que a história passa, não parece uma escolha pensada partindo da leitura da criança, é a única obra a fazer uso de tipos em estilo caligráfico, Fig.9.

Figura 9 – João por um fio



Fonte: Mello (2005)

Este livro reporta os medos, rituais na hora de dormir, cantigas de ninar e exige do leitor olhar mais atento para as simbologias do sono e de espaços trazidos nos

detalhes da narrativa visual encontrados na colcha de fios, que se modifica ao longo da história, se transformando em rede de pesca, cobertor etc. O livro integra um projeto de leitura online, dessa forma, um ícone do projeto é visto em algumas páginas, sugerindo que o leitor entre no site para responder perguntas referentes à história.

Conclusão

Visualmente é cada vez mais rico e encantador o livro infantil, considerando cronologicamente o recorte, percebe-se as inventividades e experimentações com a linguagem visual em constante crescente a partir do ano 2000.

Com a segunda década de premiação é possível perceber que não mais são contemplados os livros sem imagem na categoria Criança, também aparece o primeiro livro ilustrado neste período. A distribuição de novas categorias ao longo dos anos, permite compreender o livro infantil como produto de inovação crescente e liberdade criativa.

Diante da seleção de livros obtidas, pode-se compreender que cada vez mais os livros com projetos gráficos integrados às narrativas da obra, com construções verbo visuais bem alinhadas se destacam.

É admirável o papel de fomento e incentivo ao livro infantil de boa qualidade proposto pela FNLIJ. Ao nomear autores, ilustradores e obras específicas, a fundação contribui para o crescimento da literatura infantil no país, amplia as práticas leitoras e estimula novos projetos. Observar suas listas de premiados proporcionou entender, em aspecto amplo e histórico, as mudanças no livro infantil brasileiro, desde enfoques temáticos às inovações gráficas e de comunicação visual.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5ª ed. São Paulo: Scipione, 2006.

BELINKY, Tatiana. *Dez sacizinhos*. Il. Roberto Weigand. São Paulo: Paulinas, 1997.

BIBIAN, Simone. *O menino, o cachorro*. Il. Mariana Massarani. Rio de Janeiro: Manati, 2006.

BRENNAN, Ilan. *O alvo*. Il. Renato Moriconi. São Paulo: Ática, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 7ª ed. São Paulo: Moderna, 2014.

COSTA, Elizabeth Pereira. *Cultura visual paralela - o design do livro infantil paradidático*. 2010, 385 p. Dissertação (Mestrado em Design), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

FERREIRA, Anália Adriana da Silva. *Comunicação visual no livro ilustrado: palavra, imagem e design contando histórias*. 2017, 168 p. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2017.

HIRATSUKA, Lúcia. *Orie*. Il. Da autora. São Paulo: Zahar, 2014.

MACHADO, Ana Maria. *Abrindo caminho*. Il. Elisabeth Teixeira. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2010.

MARTINS, Cláudio. *Eu e minha luneta*. Il. Do autor. 11 ed. São Paulo: Formato, 2009.

MELO, Chico Homem de. *O design gráfico brasileiro: anos 60*. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MELLO, Roger. *João por um fio*. Il. Do autor. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2005.

MORAES, Odilon. O projeto gráfico do livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda. *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008, p. 49-60.

MORAES, Odilon. *Pedro e Lua*. Il. Do autor. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

MOREYRA, Carolina. *O guarda-chuva do vovô*. Il. Odilon Moraes. São Paulo: DCL, 2008.

NECYK, Bárbara Jane. *Texto e imagem: um olhar sobre o livro infantil contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em Design), Programa de Pós-Graduação em Design, PUC, Rio de Janeiro, 2007.

RITER, Caio. *Sete patinhos na lagoa*. Il. Laurent Cardon. São Paulo: Biruta, 2012.

SERRA, Elizabeth D'Angelo; ZINCONI, Gisela. (Coord.). *Um imaginário de livros e leituras: 40 anos da FNLIJ*. Rio de Janeiro: FNLIJ, 2008.

VAN DER LINDEN, Sophie. *Para ler o livro ilustrado*. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.